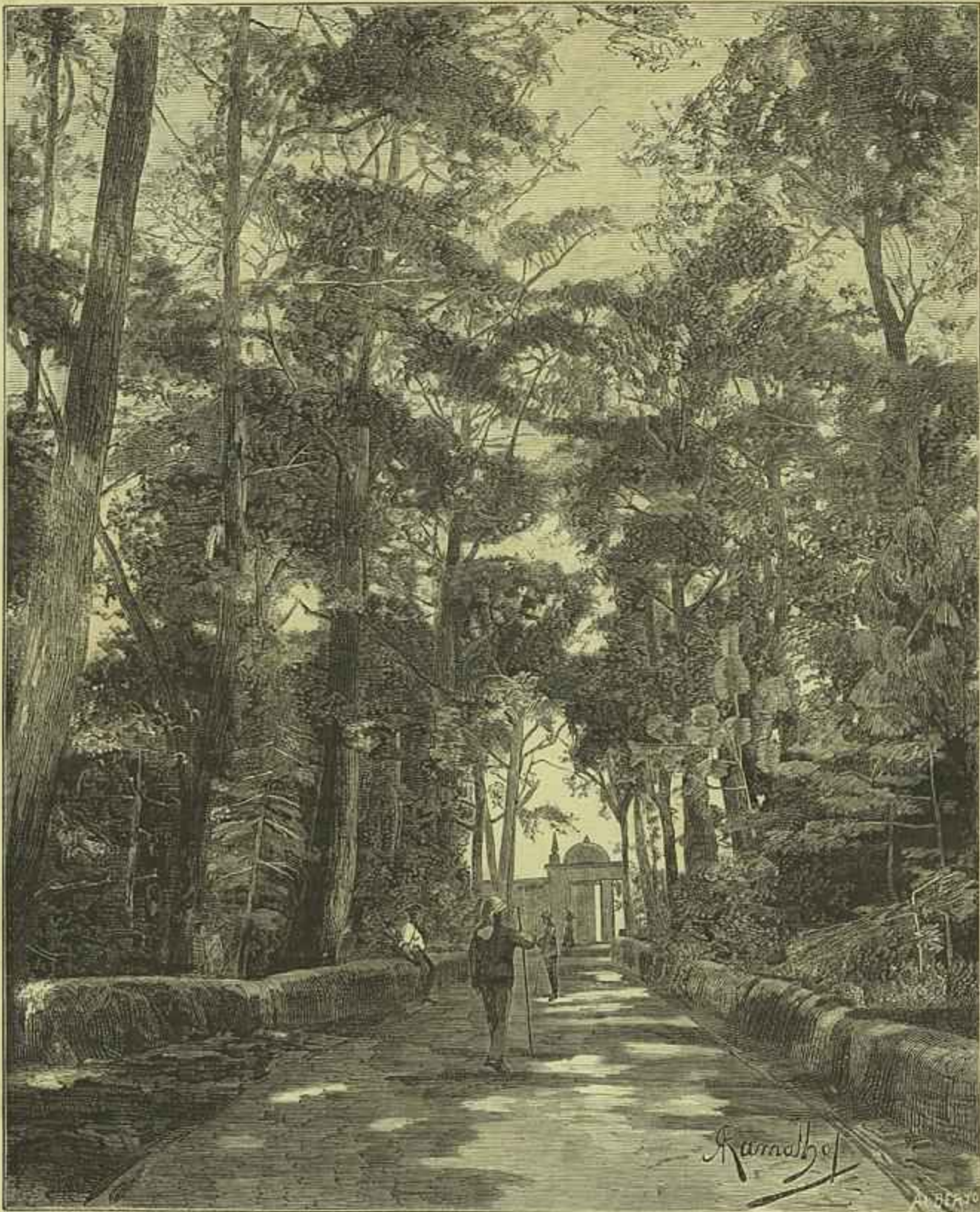


OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semestre 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 98 11 DE SETEMBRO DE 1881	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAYURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porte, moeda forte)	5800	1800	650	5120		<p>Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.</p> <p>É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.</p>
Possesões ultramarinas, (idem).....	4000	2000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5000	2500	—	—		
Brazil (moeda fraca).....	15000	7500	—	—		

PORTUGAL PITTORESCO



BUSSACO — RUA DA RAINHA (Segundo uma photographia de Santos)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Guilherme d'Azevedo, CARRIDO DE FIGUEIREDO — As nossas gravuras — Pelourinho de Villa Viçosa, XAVIER DA CUNHA — Actualidades scientificas, os cometas e o grande cometa de 1881, R.—Congressos Anthropologico e Litterario, trabalhos dos congressos, R. — O Jardim d'acclimação do Rio de Janeiro — Aparentamentos para a vida do Diabo, DELFIN DE ALMEIDA — Publicações.

GRAVURAS. — Portugal Pittoresco, Bussaco, rua da Rainha — Africa portugueza, cataracta Blú-blú no Rio Agua Grande, em S. Thomé — Francisco Vieira da Silva — Exposição de Electricidade no Palacio da Industria, em Paris — Pelourinho de Villa Viçosa — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma vez Henri Heine, o allemão mais parisiense que tem passeado pelo asphalto dos boulevards e pela litteratura alegre de Paris, viu-se seriamente embaraçado quando lhe perguntaram o que era o *cancan*.

Tinha que definir a um allemão essa dança do Mabilie, e francamente a coisa não era facil.

«Pois bem, seja! disse finalmente elle para a *Gazeta d'Augsbourg!* O *cancan* é uma dança que nunca se executa n'uma reunião decente, mas apenas em locais duvidosos, onde o cavalheiro que o dança, e a dama por quem é dançado se veem logo agarrados por um policia, e postos no meio da rua!»

Pois essa dança que «ataca não só as relações sexuaes, mas tambem as relações sociaes, mas tambem tudo o que ha de bom e de bello no mundo, mas tambem toda a especie d'enthusiasmo, o patriotismo, a fidelidade, a lealdade, a fé, os sentimentos da familia, o heroismo, a divindade» passou por uma cambalhota do bom senso burguez, e por um desleixo immoral da policia de Lisboa a ser o pão nosso de cada dia dos bons lisboetas, a oração da noite que as mães honestas mas descuidadas, ensinam ás suas filhas.

Heine confessa, que era sempre assaltado por uma indizível tristeza quando via o povo dançar essa dança nos bailes equivocos de Paris. Que tristeza e que espanto não teria elle se visse essa dança desvergonhada pernejada por meia duzia de creanças de sete e de oito annos, contorcendo-se nos esgares obscenos d'essa pantomima *robert-macariana*, aprendendo com toda a consciencia de quem estuda uma lição, a levantar a perna bem alta e a menear a cabeça gaiatamente com maliciosas intenções bregueiras, sob a direcção cuidada e severa d'um professor patusco?

Essa tristeza o esse espanto não assalta porém a nossa gente, nem a nossa policia.

Os paes de familia levam todas as noites, ao passeio publico, seus filhos e suas filhas pequenas, com uma sollicitude e uma pontualidade com que decerto os não levam á escola; cuidam muito mais em que elles saibam dançar uma valsa, do que conjugar um verbo, em que ellas saibam fazer uma mesura de minuto, do que uma camisa de dormir: a policia anda a correr atraz dos rapazes que vendem jornaes para verificar se elles trazem a *chapa* legal, e não tem tempo para se importar com a educação das creanças, e o professor Justino esse Vestris comico da sociedade lisboeta, vê todas as noites engrossar o numero dos seus discipulos, e vae enriquecendo pouco a pouco com os seus *cancans* e com as suas mascaradas, ao passo que os mestres de instrucção primaria emmagrecem e morrem de fome.

É comico isto, mas é d'um comico triste, que faz pensar mais do que rir.

Francamente o que ha a esperar ámanhã d'essa geração que entra no mundo dançando o *cancan*, d'essas meninas que se preparam para a grande missão educadora de mãe de familia, fazendo *entrechats*, e erguendo o pé á altura da boquilha do seu professor?

Fallámos já largamente ha dias d'estes bailes infantis dissolventes, que se dão no passeio publico e que em vez de ser evitados como um perigo, são concorridos como um divertimento.

Toda a imprensa de Lisboa se tem manifestado energicamente contra elles em artigos serios ou em prosa humoristica, mas a auctoridade não desce das altas regiões das multas para cuidar d'estas insignificantes questões da educação da infancia, e os *bailes infantis* vão-se desenvolvendo amplamente á sombra da inercia da policia e do desleixo dos paes de familia, e já se não contentam em fazer valsar as creanças até á meia noite, em companhias equivocas, na aprendizagem doentia da tísica e da *coquetterie*, agora já as fazem dançar o *cancan*, e as mães calçam a suas filhas pequenas, meias altas, atadas com ligas por cima do joelho, para que essas danças deem perfeitamente o effeito dos *cancans* mabiliannos vistos por um binoculo do avesso, para que tenham todas as notas picantes, acanalhadas, que são a sua unica rasão de ser.

Na educação portugueza já de si muito completa e perfeita havia comtudo uma lacuna: — o *cancan*. Na organização da familia faltava um elemento poderoso — o sr. Justino. A natureza obedece na sua elaboração constante a umas leis providenciaes: tudo vem quando é necessario, tudo apparece no seu momento.

O sr. Justino Soares não é um homem, é uma resultante fatal d'essas leis providenciaes. Não é um professor de dança é um membro que faltava ao nosso corpo social.

Agora sim, agora é que a sociedade lisboeta está completa, por isso os chefes de familia folgam, e a policia dorme.

— Ha tempos praticou-se em Lisboa um roubo excepcional pela sua importancia e pela sua audacia.

A casa commercial Lima Mayer, mandára por um seu criado um cheque de 3 contos de réis sobre o banco de Portugal, fechado n'um subscripto, a outro negociante.

O criado perdeu o cheque, e quando d'ali a nada os srs. Mayers souberam da perda do cheque, e se dirigiram ao banco a providenciar, o cheque tinha sido já apresentado e pago. A quem? Nunca se ponde saber. Quem o pagou disse que fôra a um homem bem vestido, de barbas pretas, que se apresentára com grande serenidade, e que até pedira, creio eu, para o cheque lhe ser pago em oiro e não em notas, ou uma coisa assim.

Quem seria esse homem? Não era verosimil descobri-lo. Naturalmente não era nenhum gatuno conhecido da policia, nenhum ratoneiro de officio, devia ser homem serio, homem grave, homem de gravata lavada, que encontrou a carta, abriu-a, viu o cheque e foi tentado pelos cinco contos.

Era uma carta bem jogada.

Nas ruas da baixa, uma carta não está muito tempo cahida na rua; logo, tinha sido perdida n'esse momento. Antes que se desse pela perda, e que se communicasse ao banco teria tempo, decerto, d'ir receber o cheque. Todas as probabilidades eram a favor. O que era necessario era sangue frio e rapidez. Foi, recebeu o dinheiro, e depois fossem lá descobri-lo. Continuava a ser serio, honrado, estimado, tudo o que era até ali, com mais cinco contos de réis, o que não era nada mau. Tinha só contra si n'uma coisa, a consciencia, mas essa respeitavel matrona ha muito tempo que se refugiou no romance e no theatro, nos quintos actos, e d'ahi mesmo, a escola moderna anda tratando de a pôr fóra.

A versão verosimil era esta, foi a que geralmente se acceitou e ninguem pensou mais n'isso.

Agora no dia 4 d'este mez, appareceu em todos os jornaes uma noticia que fez grande sensação em Lisboa. A policia descobrira e apanhara o ladrão dos cinco contos. Era, sabem quem? Era o proprio portador da carta que dissera tel-a perdido, um gallego, que a policia apanhou no comboyo, a ir para a terra com outro gallego, moço de recados, levando entre ambos nas malas, um conto e tanto, em di-

nheiro hespanhol, espalhado por vinte embrulhos, cada um sobrescriptado a nomes diferentes.

E a policia cantou logo victoria e os noticiarios deram a noticia recheiadas de *habeis*, distribuidos pelos varios guardas que fizeram a prisão.

Depois fez-se um silencio mysterioso e completo sobre o caso.

Nós, tendo de registar os acontecimentos de sensação em Lisboa, não podémos deixar de referir essa prisão e o effeito que ella fez na capital, reservando-nos para applaudir a policia e para a polverilhar de *habeis* quando nos provarem: — que effectivamente esses gallegos, criados de servir e moços de fretes são realmente os ladrões, que era um d'elles que se apresentou com toda a serenidade, bem vestido, e de barba toda, a cobrar o cheque no Banco, que foram elles que em meia hora, ou uma hora se tanto, concertaram o plano e se mascararam para a comedia, com tanta finura, para depois se deixarem apanhar d'uma maneira idiota.

Até lá suspendemos os nossos *habeis*...

— Outro facto saliente da semana, foi a transladação dos ossos do sr. Vieira da Silva, o grande propagador da idéa da *Associação*, o operario intelligente e infatigavel, que consagrou toda a sua vida e todo o seu talento ao engrandecimento das classes laboriosas.

A sua transladação foi uma verdadeira solemnidade, uma manifestação imponente, que se dirigia ao homem morto, e á idéa cada vez mais viva no seio das sociedades modernas.

N'outro lugar o OCCIDENTE consagra um artigo especial a esse valente luctador da causa santa dos que trabalham, e por isso nós aqui só temos que registar essa transladação que foi um acontecimento e que representou duas coisas sagradas e grandes — a gratidão e a justiça!

GERVASIO LOBATO.

GUILHERME DE AZEVEDO

É mais um dos que podem dizer aos amadores da plastica: os poetas não se medem a palmos. Pertence á numerosa pleiade dos poetas magros, mas compensa a exiguidade dos adipos com a exuberancia de espirito e de imaginação. O bigode curto e negro descobre amplamente o sorriso alegre do observador intelligente. A sua ironia é, a um tempo, subtil e despretençiosa. Elle cura pouco de elegancia, mas respira a pulmões cheios o ar penetrante e fresco da critica moderna. Dá-se bem n'uma atmosphera impregnada de são e vivaz espirito. A *verve*, usando a palavra de alguns seus amigos e dos francezes, é o seu sonho dilecto de cada hora. Em Portugal conhecia-a elle de nome, adivinhava-a, sonhava-a. Quiz vel-a de perto, palpá-la, abraçá-la, identificar-se com ella, e por isso, n'uma bella manhã despediu-se de uma lymphatica visinha que, sabendo-lhe da balda poetica, vamente lhe pediu durante cinco annos uma quadra ao menos para recitar ao piano; o poeta vestiu o seu guarda-pó de viagem, chamou um mariola de Tuy, poz-lhe ás costas uma pequena mala, e foi-se para o paiz da tal *verve*, uma femea graciosissima, de amor um pouco cosmopolita, e que ás vezes fuma charutos e bebe cognac e hirsch.

Guilherme de Azevedo vive em Paris. Em vão o Antonio Maria, o Occidente, o Chiado e o café Martinho o apodavam de ingrato, fazendo beicinho ou amuos de virgem melindrada; dehalde *Zé-povinho*, o eterno Quasimodo do desespero e da sensibilidade, limpava uma lagrima furtiva á manga da jaqueta de burel, suspirando:

—tu vaes deixar-me, sem talvez que o pranto...

O ingrato partiu. A esta hora, o ventre de Paris, — palavras de Zola, — aquelle ventre enorme e fertilissimo, conta-o entre os seus dissecadores e anatomistas.

Encontram-se ainda n'esta parte do palacio as exposições da Sociedade Graume, Jablochkoff, de Broquet, de Gaston Planté, de Siemens, nomes consiguados por importantissimos descobrimentos.

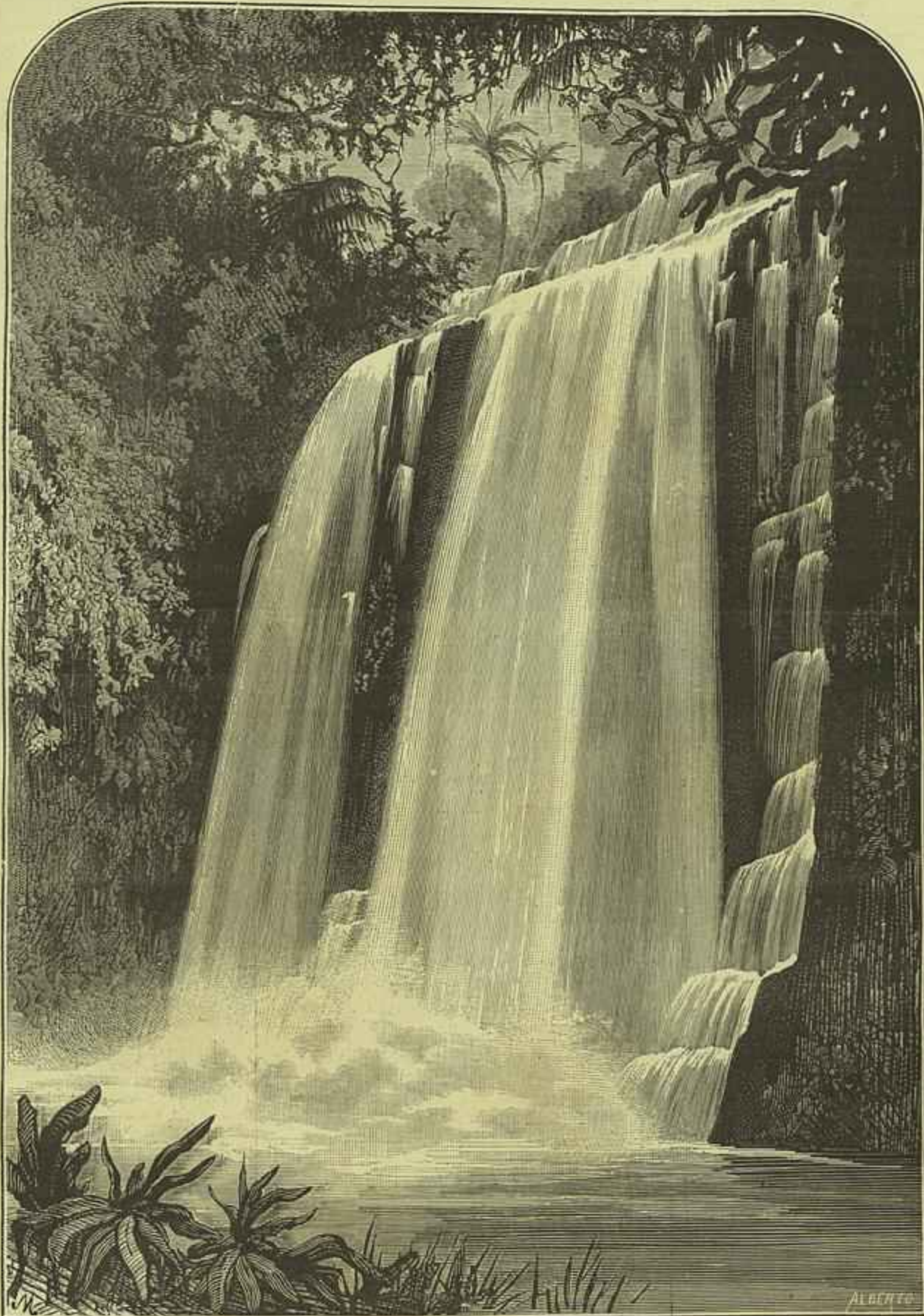
A galeria do primeiro andar não está menos completa de aparelhos. Vê-se primeiro um elegante theatro onde á noite brilham numerosos focos de luz e onde

com verdadeiro luxo: lustres, placas, tocheiros ou veladores de luz electrica a illuminam; a sala de banho e cozinha, formadas inteiramente de faianças artisticas são notaveis.

Depois da sala da exposição Jamin, encontra-se outra, onde se acham construidos numerosos kiosques, onde se exhibem brinquedos electricos, e aparelhos diversos como

Entre as outras salas, são notaveis a dos accessorios da luz electrica; observa-se a photographia obtida com aquella luz pelo sr. Liébert; a sala das pilhas; a grande sala de honra, onde se encontra a instalação da luz Maxim, um specimen de gabinete telephonico, passa-se tambem pelo museu retrospectivo, onde estão reunidas innumeradas curiosidades da historia da electricidade, a

AFRICA PORTUGUEZA



CATARATA BLU-BLU NO RIO AGUA GRANDE EM S. THOMÉ (Segundo uma photographia)

estão expostos despertadores electricos d'incendio. Segue-se uma galeria de quadros e esculpturas illuminada pelos raios do arco voltaico, cujo effeito é magnifico; a *Union League Club de New-York* faz uso ha alguma meza da luz electrica de Maxim para este fim.

Ha depois uma habitação completa composta de salão, ante-camara, sala de jantar, cozinha, casa de banho, onde funcionam illuminadores electricos, campainhas, quadros de reclamo, luzes, marcadores automaticos para bilhar e tudo quanto a electricidade pôde proporcionar ao conforto da vida moderna. Esta divisão está ornada

pequenuissimos barcos, que obtiveram completo successo. Nota-se ainda n'esta sala a exposição muito bem installada da *Societè d'Aérostation météorologique*.

Atravessam-se as salas da telephones que á noite atrahem uma multidão consideravel. Pôde-se dizer que se entrou ali no dominio da feiticaria, da bruxaria, de tudo o que ha de sobrenatural. O visitante applica e ouvido ao telephone ouve cantar os artistas na Grande Opera, ou declamar os actores no Theatro Francez. Este admiravel resultado foi obtido pelo emprego de microphones particulares do sr. Ader.

bibliotheca, a sala de leitura, e finalmente a sala do Congresso, onde mais de 300 pessoas poderão sentar-se.

Ao lado da sala do Congresso, duas grandes divisões estão completamente prehenchidas pela exposição de Edison. São tão conhecidos os trabalhos do celebre physico americano, que todos sabem o que podem alli estudar: o telegrapho quadruplo, o electro-motographo, e o phonographo. Outros aparelhos são expostos com uma profusão espantosa por este maravilhoso physico.

Sobre a galeria do primeiro andar vê-se funcionar o aparelho d'um pequeno balão dirigivel, construido pelo

sr. Gastão Tissandier, que funcionou cheio de hydrogenio deante do presidente da republica. Está preso a um aparelho que permite fazel-o funcionar facilmente e de mostrar que o seu helice de propulsão pode vencer a resistencia do ar, quando gira sob a acção d'um motor dynamo-electrico actuado por pilhas secundarias de G. Planté. E' este balão um modello reduzido a um decimo do que aquelle physico tem tencão de construir, e de que daremos conta proxivamente.

Por esta rapida resenha, resumida de um artigo de um jornal estrangeiro se pode imaginar o que será aquella exposição, especialmente á noite quando as luzes Jablochhoff e Werdermann, Maxim e Edison, de Lontin, de Brush, de Jamis, de Swan, de Siemens, de Reynier e de tantos outros postas em competencia, tornarão aquelle recinto n'uma coisa phantastica.

Felizes aquelles que podem gozar tão instructivo, e tão esplendente espectáculo.

R.

O PELOURINHO DE VILLA-VIÇOSA

Quando alguma vez se escrever a historia da arte portugueza, hão de os pelourinhos constituir n'esse livro um dos mais interessantes capitulos. E quem com essa tarefa sobrecarregar seus hombros sentirá então magoadamente, mas sem remedio já, o avultado alcance das lacunas que se lhe offercerem. — lacunas tanto mais para lastimar, quanto o curioso estudo dos poucos exemplares ainda existentes mostrar e provar que, em summa, vêr este ou aquelle, não é exactamente o mesmo que vêr est'outro ou aquell'outro; obedientes todos a um principio de unidade na sua configuração geral



FRANCISCO VIEIRA DA SILVA (Segundo uma photographia de Bastos)

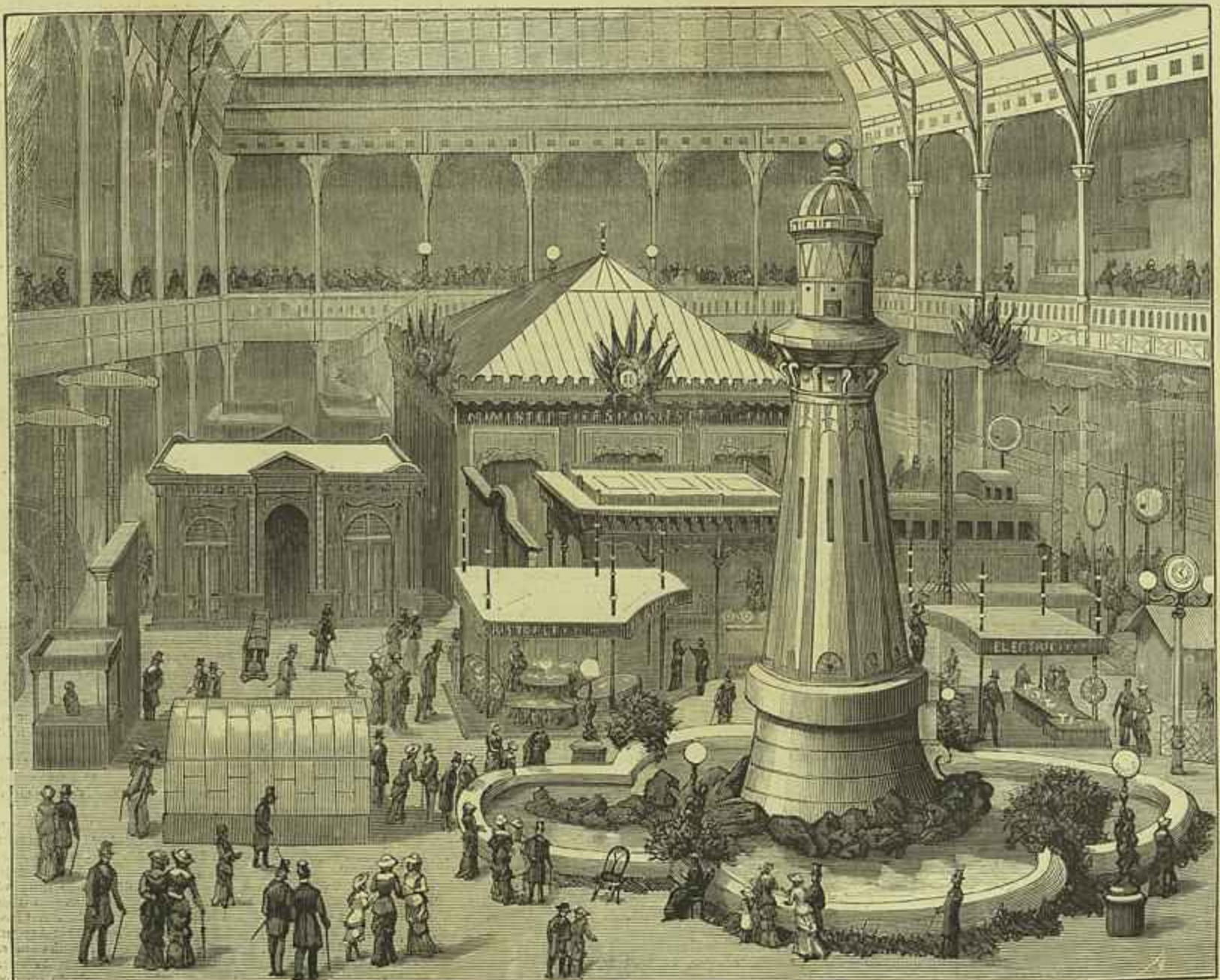
destacam-se entretanto singularissimamente uns dos outros pelos accessorios da arte ornamental.

Maltratada pelos estrangeiros, tanto pelos invasores como (o que ainda é mais de admirar!) pelos proprios aliados que n'ella puzeram pé a titulo de protectores, — maltratada sobretudo pelo feroz indigena, o mais damnoso bicho que pôde imaginar-se, para as coisas d'arte, — a nossa terra tem visto sumirem-se, perderem-se, desaparecerem muitos e muitos de seus monumentos como se não lastaase já por si a acção fatalmente deastadora dos seculos, ou de tempo em tempo o inesperado cataclismo de um terramoto.

Pois, verdade, verdade — e verdade bem triste para dizer-se! — poude mais que o decorrer das eras e mais que o tremendo arruir das convulsões terraqueas a má vontade, a ignorancia, a brutalidade bestial de certa gente nossa que, se n'algumas occasoes sabe dar mostras de que lhe palpita no intimo o fogo sagrado e vital da nacionalidade, n'outras (por uma deploravel antithese) parece effectivamente denunciar aquelle estado pathologico de que os histologistas falam — o estado de regressão.

E se não fór nos templos e nos mosteiros, — nos que não estão ainda convertidos em paliçeros ou poçigas; — se não fór nos velhos tumulos que ainda por ali se encontram marcando as variadas phasas da arte esculptural; — se não fór nos pelourinhos dos nossos antigos municipios, — n'aquelles que por ventura tenham escapado ao camatello reformador dos illustrados vereadores — estragado, implastrado, modernizado como está tudo, eu não sei de véras onde se estude a historia da arte portugueza.

A propósito de pelourinhos... ora digam-me: — não faz mesmo pena ir vendo tomarem de dia para dia essas antiquissimas e elegantissimas colum-



EXPOSIÇÃO DE ELECTRICIDADE NO PALACIO DA INDUSTRIA EM PARIS

elle tanto se compraz, que até manda que os seus anjos lhe prestem homenagem de respeito. Cá o nosso livro sagrado, a *Biblia* não diz isto claramente, mas leva as mesmas voltas porque se refere, que Deus criou por ultimo o homem, a mais perfeita das creaturas porque é a imagem do creador, e para o qual foram creadas todas as outras coisas que existem.

Depois o anjo rebelde... aqui é que ha uma ligeira variante nas tradições das duas religiões. Para nós, christãos, o acto criminoso pelo qual o anjo mereceu ser expulso do ceo, foi pretender egualar-se com Deus; para os mahometanos foi uma desobediencia formal ás ordens do creador; note-se porém, que desobedeceu por soberbo, e é justamente esse ponto essencial em que se acha d'accordo a tradição de ambas as religiões.

Outra differença apparente é que a narração mahometana apenas falla da expulsão de um anjo, e a tradição christã resa de muitissimos outros, que o acompanharam. Não se julgue, por isto, que a boa religião de Mafoma está falha de diabos e não pode n'esse ponto competir com a nossa; se pode! em muitos logares do *Koran* se falla nas tranquillidades dos demonios, e até se lhes attribue uma qualidade para nós completamente desconhecida, qual é a grande curiosidade que elles tem de saber o que se passa no ceu. E por causa d'isso, para obstar a que os marotos cheguem a apanhar algum segredo celestial, é que foram creadas as estrellas. Quantas vezes temos nós visto, principalmente nas calidas noites de estio, atravessarem o ceu, rapidos como flexas, e com um grande rasto de luz, esses meteoros a que chamamos estrellas cadentes! Sabem o que isso é? Eu lhes digo, tenho-o aqui no *Al-Koran*. As estrellas segundo se acha escripto n'aquelle livro, são simplesmente dardos de fogo, os quaes tem a applicação seguinte. Quando algum demonio curioso é descuberto nas proximidades do ceu, com o malevolo intento de escutar o que por lá se diz, qualquer anjo, que o lombrega, lança immediatamente mão de um dos referidos dardos, e *ziquete*, foga-lh'o no costado, mais abaixo, ou mais acima, conforme a pontaria, e outras circumstancias: em todo o caso espeta-lh'o no corpo... perdão, no corpo não pode ser, por que é coisa que os demonios nunca avessaram, senão phantastico... mas tambem espetar-se o espirito, como se espeta o lombo de porco, não sei que parece! Seja como for; n'essas difficuldades não me metto, que não possa saber-me d'ellas. Em vez de desperdiçar tempo com similhantes bagatellas, melhor farei aproveitando-o em repartir bisarramente com os leitores a minha sabedoria turca. Ahí vae. Ehlis era um anjo, tal qual como Lucifer, e tambem como este, depois que foi precipitado do ceu, em consequência da sua rebelião, começou a chamar-se Satanaz, em arabigo *Echcheitan*, o tentador, o diabo, o inimigo dos homens. Tudo isto diz o supracitado sr. Kazimiriski, á custa dos meus sete tostões, igualmente supracitados. E acrescenta ainda o mesmo sr. interprete, que o plural d'aquella enrevesada palavra arabiga é *cheiatin*, o qual se encontra muitas vezes no *Koran*, valendo o mesmo que demonios.

Explica mais, e pela tresma quantia (os sete), que santanaz pertence ao culto, senão

1 E disse: façamos o homem á nossa imagem e similitude, e senhoreie os peixes do mar, as aves do ceo, todos os animaes da terra e reptis que se arrastam no chão. (genesis.)

2 «Nós adornamos o ceo mais proximo da terra com um ornamento de estrellas.

primitivo, ao menos antiquissimo, dos povos semíticos, ligando-se com o mytho da queda do anjo e do homem, em quanto que os genios, que tambem apparecem a cada passo no livro de Mahomed, e que são, como os demonios, espiritos do mal, esses pertencerão, talvez, aos mythos persas e indianos (*devas*), e terão invadido os cultos dos povos semíticos n'uma epoca posterior.

Parecem estas hypotheses muito plausiveis;



PELOURINHO DE VILLA VIÇOSA (Desenho do natural por H. Pousão)

effectivamente, em nenhum dos livros biblicos se encontram nem os mais ligeiros vestigios d'essas entidades, que tem grande afinidade com os demonios, e que todavia são distinctas d'elles. Já não succede o mesmo quanto a estes, que embora não figurem allí collectivamente, como corporação que é, e muito respeitavel, ao menos o seu patrão, ou como hoje se costuma dizer «o seu illustre chefe e meu nobre amigo, o sr. Cãotinhos» representa, por vezes, um papel importante. E até a proposito d'elle o celebre padre Antonio Vieira, que foi o mais picante folhetinista que ainda houve em Portugal... Chamam-lhe o Chrysostomo, portuguez; pois seja, não faço questão de nomes; tanto me dá que se chame Chrysostomo, como Antonio; e se de mais a mais o verdadeiro Chrysostomo, o grego, o eloquente, deixa correr os marfins, eu então muito mais, por que não tenho nada com isso. O que digo é, que em muitos sermões do celebre jesuita portuguez, o folhetinista vale incomparavelmente mais que o orador. Querem uma prova? Eu lh'a darei no artigo seguinte, e hade ser a respeito do diabo.

(Continua)

DELFIN D'ALMEIDA.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

No LAZARETO. — É um folheto de 56 pag. de 8.º, em que Raphael Bordallo Pinheiro conta, com a graça e critica que distinguem o seu lapis e a sua pena, as suas recordações do Brazil, as peripecias da sua viagem, e a hospitalidade que o Lazareto de Lisboa offerece aos seus hospedes.

Esta noticia vae já tarde, porque tarde recebemos o livro, para que ella possa fazer juizo sobre o merecimento da obra, que aliaz já está julgada e conhecida do publico, entretanto o assumpto d'este livro em que Bordallo a rir vae castigando, merecia, e de ha muito, ser estudado seriamente, tanto mais que a efficacia dos Lazaretos contra a invasão de epidemias é já hoje muito contestada.

RELATORIO DA ADMINISTRAÇÃO DA REAL CASA PIA DE LISBOA. — Imprensa Nacional, 1881. — Este desenvolvido e bem elaborado relatório apresentado ao sr. ministro do reino pelo sr. Carlos Maria Eugenio d'Almeida digno provedor d'aquelle estabelecimento, é mais um documento importante que vem juntar-se á já provada utilidade d'esta sympathica instituição. A Casa Pia é dos estabelecimentos melhor organizados e administrados, que no seu genero, ha em Portugal, e das suas escolas sabem quotidianamente rapazes muito regularmente educados para as artes e para as industrias, não contando aquelles, que seguindo cursos superiores, tem chegado a occupar altas posições sociais.

Este relatório além de inserir desenvolvidos mapas do movimento das escolas, programmas de ensino e deciplinas leccionadas, alimentação, enfermarias, subsidios, aprendizagem, receita e despeza geral etc., publica as contas desenvolvidas das despezas feitas com as obras de reedificação dos Jeronymos e Casa Pia acompanhando-as de duas estampas do alçado e planta do edificio.

E, finalmente um documento que offerece o maior interesse.

O JANTAR DOS TÓTOS, OS TRES URSOS, O PINTARROZO, A GATA BORRALHEIRA, quatro livrinhos publicados pelo sr. David Corazzi, que fazem o encanto das creanças, pelas bonitas estampas coloridas que tem, e que se vendem pela modica quantia de 200 réis cada um.

ANNAES DO CLUB MILITAR NAVAL, n.º 6 e 7, que inserem artigos de muito interesse cujo sumario é o seguinte: *Helice, Instrução Maritima, Congresso das Associações Portuguezas, Relatório acerca do serviço de socorros a naufragos, Manual de instrução para uso da escola de torpedos, Necrologia, Bibliographia e Chronica.*

A MODA ILLUSTRADA, edição da Empreza Horas Romanticas, Lisboa, n.º 65 de 1 de setembro. — Continua a merecer os melhores creditos e a publicar-se com a maior regularidade.

A CASA A VAPOR, por Julio Verne, traducção de Cunha e Sá, 2.º e ultimo vol. — Editor David Corazzi, Lisboa. — Faz parte da copiosa colleção de livros de Julio Verne já hoje muito vulgarizados em Portugal, e este não desmerece dos precedentes como livro instrutivo e ameno de vulgarização scientifica sob a forma de romance.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Agua o dá, agua o leva.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6